

# Problemas relacionados a evolução da criança

Rudolf Lanz



Uma infinidade de problemas está relacionada com a evolução da criança e do adolescente. Ventilamos somente alguns, recomendando ao leitor a imensa literatura antroposófica sobre problemas da juventude e da pedagogia.

Ao estudar a constituição da entidade humana, já deparamos com a polaridade entre forças vegetativas e intelectuais. Encontramos a mesma polaridade no indivíduo jovem. Enquanto, durante os primeiros sete anos, o organismo etérico deve-se dedicar à estruturação do corpo, qualquer esforço intelectual implica no desvio das forças etéricas para uma finalidade anormal. Daí a palidez, a anemia e a fraqueza orgânica das crianças às quais se ordena fazerem esforços intelectuais e que são despertadas cedo demais. Na medida em que o intelecto aparece, a vitalidade diminui. Por outro lado, existem adolescentes gorduchos, sadios demais, de espírito sonolento; a esses é preciso aplicar uma terapia enérgica de esforços mentais para restabelecer um equilíbrio que está rompido a favor do outro lado.

Os movimentos são uma atividade própria da infância. Eles se metamorfoseiam igualmente em faculdades volitivas e intelectuais. Por isso deve-se deixar a criança gesticular e mover-se de acordo com os seus próprios impulsos. Apenas deverá haver uma certa correção e coordenação (por exemplo, por meio de exercícios eurrítmicos) quando o educador percebe que os movimentos traduzem um espírito desequilibrado. Pois assim como os movimentos traduzem certas qualidades anímicas ou mentais, também estas últimas, por seu lado, podem ser influenciadas por uma atuação sobre os movimentos. Em todas as fases do ensino, o elemento artístico deveria estar presente, pois constitui um contrapeso à excessiva intelectualização e à dinâmica fútil.

Entre os inúmeros problemas ligados à infância, destacaremos mais três:

- Convém ou não o ensino de religião? Muitos pais, que não acreditam mais nos dogmas das religiões tradicionais, acham que seria desonesto educar seus filhos incutindo-lhes crenças que eles próprios repudiam. Opinião errada, pois assim como a humanidade percorreu extensas épocas de fé e de religiosidade, as crianças precisam viver num meio religioso. As imagens do Velho Testamento, o ambiente belo de uma família que cultiva valores espirituais, a relação íntima e sagrada entre o homem e Deus, constituem, até a idade de 14 anos, elementos educativos de suma importância. Pouco importa que na idade da puberdade o adolescente abandone a sua antiga atitude religiosa; ela terá contribuído para formar-lhe o caráter. Pouco importa aliás, qual a religião em que uma criança vive. Elas têm todas, essa influência benéfica, desde que os pais não a destruam pelo cinismo.
- Discute-se muito sobre o valor dos contos de fada. Afirma-se que alienam a criança da “realidade”, e que constituem, frequentemente, devido a certos trechos cruéis, um alimento espiritual de valor duvidoso. Aqui também devemos entender-nos melhor! Em primeiro lugar, os contos bons são aqueles que têm sua origem na vetusta sabedoria popular, como os recolhidos pelos irmãos Grimm. Contos “compostos” intelectualmente não têm o mesmo valor. Por que? Os verdadeiros contos de fada contêm, em suas imagens, fatos e processos autênticos da evolução espiritual do homem. A criança extrai dos contos profundas verdades, embora numa forma primitiva, mas, justamente por isso, adequada aos primeiros anos de vida. Um conto nunca deve ser lido, mas narrado, e além disso, repetido em dias seguidos. A pessoa que conta deve saber que as imagens que transmite correspondem a uma profunda sabedoria popular; outrossim, ela deve falar como se acreditasse inteiramente em tudo que conta. Os trechos mais cruéis não devem ser postos em relevo, nem contados com abundância de detalhes sangrentos e requintes de sadismo; assim, eles desempenharão a função de constituir o momento de maior tensão a partir do qual tudo corre para o desenlace feliz, a recompensa do justo, a punição do mau, que nunca faltam. Os contos, com efeito, têm o seu ritmo e sua dinâmica intrínsecos, que lhes dão alto valor educativo.
- Finalmente, uma palavra sobre as doenças da infância. Longe de constituir apenas infecções provocadas por bacilos, são na realidade indícios de uma certa evolução. Com efeito, a criança “recebe” a sua massa hereditária, isto é, o seu corpo físico, dos seus pais; e como seu eu escolheu esses pais, seu corpo será mais ou menos adequado à sua personalidade. Mas apenas “mais ou menos”.

Durante os primeiros anos de vida, existem certas tensões entre o corpo herdado e a personalidade, tensões que se vão acumulando até que, numa crise turbulenta e eruptiva, verifica-se uma descarga, um reajuste. Esse reajuste é a doença da infância: tem-se a impressão de que o eu joga fora algo de superado. Ninguém nega que a presença do bacilo seja necessária para que irrompa a doença, mas que esta presença não é suficiente, é provado pelos inúmeros casos em que os pais põem seus filhos doentes e sadios juntos, para que todos apanhem a doença, verificando-se, então, que algumas crianças não a

pegam. Motivo: o seu desequilíbrio ainda não atingiu o grau que faz necessária uma doença da infância.

Sabemos, aliás, que essas mesmas doenças (que ocorrem só uma vez em cada vida) costumam ser benignas e são seguidas de um período de saúde e bem-estar notáveis; é como se a criança tivesse triunfado sobre um adversário.

Quando ocorrem em adultos, as mesmas doenças da infância são geralmente graves. Isso se explica facilmente: na organização elástica e plasmável da criança, o reajuste se faz sem dificuldade; o corpo endurecido e a entidade mais individualizada e firmada do adulto lhe oferecem considerável resistência.

Sob esse aspecto temos que enfocar de uma forma nova a praxe condenável de se querer impedir as doenças da infância. Melhor seria controlá-las e ajudar o corpo, por remédios adequados, a “aproveitar” delas da melhor maneira possível. Cortá-las ou impedi-las é um sinal de comodidade, senão de covardia, dos pais e médicos, e significa privar o organismo de um recurso natural, para atravessar e vencer certas fases de tensão. Pode-se, naturalmente, criar uma criança nessas condições. Mas o desequilíbrio, que clama por um reajuste, tornar-se-á permanente ou procurará outro caminho de escape. Falamos aqui, é claro, das típicas doenças da infância, e não de males como a difteria, a paralisia infantil e outras.

Voltando à própria educação das crianças, convém frisar que ser educador (pai; mãe, mestre de escola) deveria constituir verdadeiro sacerdócio. Não há trabalho que exija mais idealismo do que aquele, hoje tão desprezado, de “simples” professor. Além de ter a consciência de tudo o que está realmente acontecendo e de tudo o que ele próprio faz, o educador deve constantemente trabalhar em si próprio. A sua entidade deve estar sempre em evolução, aberta aos impulsos espirituais de cima. A responsabilidade de levar futuros homens ao seu destino final de Homens; de fazer desabrocharem as suas faculdades mais belas, corrigindo cuidadosamente os defeitos aparentes, é uma tarefa imensa, que, além do mais, exige muita modéstia, pois o educador nunca deve procurar formar a criança de acordo com a sua própria imagem, mas adivinhar a feição da individualidade e fazer com que ela atinja e siga harmoniosamente o caminho que leva a si própria. Nunca o trabalho de educar deveria tornar-se rotina ou simples técnica. A personalidade do professor ou pai deve estar sempre empenhada em captar toda a personalidade do aluno.

A realização desses ideais pedagógicos é hoje em dia praticada nas chamadas escolas “Waldorf”, fruto das idéias de Rudolf Steiner. São escolas que seguem uma orientação educacional dada por ele próprio, a qual é totalmente diferente daquela adotada em outras escolas. A designação “Waldorf” provém da fundação da primeira dessas escolas. Em 1910 Rudolf Steiner foi solicitado pelo diretor da fábrica alemã de cigarros Waldorf-Astoria a fundar uma escola para os filhos dos operários dessa fábrica e dar-lhe o fundamento pedagógico. Dessa escola, que passou a ser a famosa “Escola Waldorf Livre” de Stuttgart, nasceram as escolas existentes hoje em muitos países do mundo inteiro, e nas quais se pratica um ensino baseado nos princípios pedagógicos idealizados por Rudolf Steiner, de acordo com o seu profundo conhecimento da natureza humana.